

A árvore dos sonhos (seis sonetos de Alma Welt, recém-descobertos)

Guilherme de Faria

A Árvore dos Sonhos (de Alma Welt)

As coisas que amamos nos dão paz
E levam-nos de volta às raízes
Do ser, ou dos seres tão felizes
Que fomos quando éramos piás.

Ali, ante a árvore dos sonhos
Antes do escândalo e do susto
Quando vida e mundo eram risonhos
E ainda não sabíamos o custo,

Prosternei-me um dia sem rancor
E sem mais a memória de horror
De quando tive a inocência violada

Debaixo dessa velha macieira
Que permanece pura e intocada
E a me ensinar a ser dessa maneira.

08/12/2006

A ribalta (de Alma Welt)

Sou feliz, meus leitores, reconheço,
Pois amo e sou amada, nada falta.
Em torno a mim, a teia que não teço:
A platéia calorosa (eu na ribalta)

Atenta aos meus versos de guria,
(pois que piá ainda já me ouviam)
Que somente ventos fortes impediam
Declamar meus versos... que mania!

E assim se me tornou essencial,
Que como respirar eu necessito
Escrever o meu soneto matinal,

Outros tantos depois durante o dia,
Sonetos que, esses sim, tecem o mito
Que me fiz em honra mesma da Poesia!

(sem data)

Nota

Este curioso soneto, ligeiramente irônico, penso eu, que acabo de descobrir na arca e de identificar como inédito, contém ao meu ver a chave para o entendimento de como a Alma via o seu fazer poético quase compulsivo: ela tinha consciência de viver através de sua própria poesia, que foi, realmente, erigindo-a em mito vivo, "tecido" soneto por

soneto. (Lucia Welt)

Onde vivem os deuses (de Alma Welt)

E eu cantaria o amor que me coubera
Ao nascer de novo nestes pagos
Isolados do mundo, noutra era,
Onde vivem os deuses e os magos.

Aqui me apaixonei por meu irmão,
Que como um Eros-piá vivia alado,
Sem dar-nos conta da cruel proibição,
Pois somente guiados pelo Fado.

Eis que num certo dia, aziago,
Fomos flagrados ao pé da minha Ara
Num lance que faria grande estrago

Não fora em nós a reverência e a fé
Nos nossos velhos deuses, coisa rara,
Que nos salvou o amor e... a alma até.

(sem data)

Notas

Soneto de tema recorrente, onde Alma atribui à sua fé nos deuses a preservação da pureza de seu amor proibido, legitimado por ela em termos poéticos e estéticos, senão históricos e sociais, durante toda a sua vida.

***Ara**- A sigla ARA é composta das iniciais dos nomes de Alma, Rodo e Aline (esta posteriormente acrescentada) gravadas a canivete dentro de um coração estilizado, no tronco da "macieira sagrada" da Alma, no nosso pomar. A sigla forma, naturalmente, a palavra ara que significa altar. Debaixo dessa árvore, na infância, Alma e Rodo foram flagrados, brincando nus, por nossa mãe, que Alma, com certo distanciamento chamava "a Açoriana". O escândalo causado pela Mutti, poderia ter produzido um trauma castrador, mas Alma superou aquilo pela afirmação corajosa de seu amor infantil incestuoso, como este soneto atesta. (Lucia Welt)

O navio na pradaria... (de Alma Welt)

Eu canto o amor em sua constância
Nascido ainda guria nesta Alma
E que se acha inscrito em minha palma
Assim como as sendas desta estância

Que demarcam o embate farroupilha
Entre os rubros lenços e o quepe
Ou aquele amor de maravilha
Entre a bela Anita e o Giuseppe.

Assim, creio, meu amor tem o aval
Da força e do sangue pelas trilhas
De um estranho e pitoresco show naval

Quando o bravo Garibaldi carregou
Seu navio por entre ondas de coxilhas
Como carrego o amor que me tomou...

(sem data)

Nota

Soneto verdadeiramente épico, em que Alma compara o seu amor proibido (por Rodo, seu irmão) com a saga do navio de Garibaldi, arrastado pelos farroupilhas pela pradarias, passando por esta estância em que, um dia, muito depois, viveria a família Welt e uma grande poetisa que confundiria o seu amor com o passado glorioso destas terras. (Lucia Welt)

O Dia e a Noite (de Alma Welt)

Na infinita pradaria dos meus sonhos
Coruscante de orvalho e pirilampos
Com esparsos umbus por sobre os campos
Como sóbrias silhuetas, tão tristonhos

No sono reverente da Natura
Que espera a manhã pra renascer
Em explosão de sons e de verdura
Com toda a passarada a agradecer,

Fiz da vida meu dia e meu poema,
Que da noite faria meu momento
De reflexão do Grande Tema...*

Pois estou viva e jazo no elemento
Meu, que me foi dado pelos deuses
Que neste Sul demoram seus adeuses.

14/01/2007

Nota

Soneto que confirma o panteísmo da Alma. A Poetisa convivia com os deuses antigos do Olimpo e do Walhalla, neste Sul, onde ela acreditava que vieram se refugiar e hesitavam em abandonar a Mãe Natura, "demorando-se" em infinitos adeuses, renovados todas as noites.(Lucia Welt)

***Grande Tema-** Suponho que a Alma se refira assim à Vida e à Morte, Dia e Noite...

Soneto e ruptura (Alma Welt)

Lançar um soneto no papel
É como “deitar sortes à ventura”*
Na expressão antiga do cordel
Que incorre numa certa ruptura.

Sim, pois que há o antes e o após
Do soneto último e durável
Por fração do gozo e do inefável
Desfrute produzido assim a sós.

Serei eu o que fui antes do verso
Que me transfigurou o pensamento
Fechando ciclo agora controverso?

Lançada em novo impulso para o mundo
Sou doravante o fruto do momento
Que ofertou não sua face, mas o fundo...

(sem data)

Nota

Neste soneto de implicação metafísica, Alma expressa a modificação (ou renovação) que o

poeta sente durante e mesmo após a criação de um novo poema. Ela quer dizer que o momento da criação não pode ser avaliado em sua superfície, e que a Poesia revela esse "momento" (a instantaneidade do presente) em sua profundidade iniciática que só os poetas inspirados costumam perceber.

"...deitam sortes à ventura"Essa expressão lusa arcaica, que pode ser entendida como um jogo qualquer de tirar a sorte para escolher alguém, é citada do poema narrativo português, precursor do cordel brasileiro, "Romance da Nau Catarineta", que no Sul ganhou melodia e era cantado no "fandango" até o final do século XIX.
(Lucia Welt)

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/a-arvore-dos-sonhos-seis-sonetos-de-alma-welt-recem-descobertos>